

A RECEPÇÃO DE *EURICO, O PRESBÍTERO* NO LIBERALISMO

Eduardo da Cruz*

Resumo: Este artigo analisa a recepção crítica de *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, durante o liberalismo, em busca de indícios da percepção, por parte do público, das críticas sociopolíticas presentes na obra.

Palavras-chave: recepção; liberalismo português; romance histórico.

■ **É** possível ler o romance *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano (1844), como uma alegoria crítica ao liberalismo português. Nesse romance, o leitor pode perceber uma forte reação ao capitalismo, que entrava com mais força em Portugal após a revolução liberal, pela crítica às formas e aos princípios da modernidade presentes no livro. Além disso, há vários indícios de críticas ao governo repressor de Costa Cobre. Teriam seus contemporâneos percebido?

Tendo em mente que Herculano via semelhanças entre o período liberal e a Idade Média, podemos perceber em *Eurico, o presbítero* questões morais e sociais que eram comuns na sociedade burguesa do século XIX, inclusive críticas à ditadura cabralista. Assim, a temática histórica do romance funciona como pano de fundo para uma crítica ao liberalismo e à tirania do cabralismo. Nesse romance, estão presentes, entre outros temas: a questão do casamento como contrato social, reificando o amor; a corrupção como forma de enriquecimento e busca de poder; o totalitarismo de certo clero; a indignidade da nobreza torpe

* Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor substituto de Literatura Portuguesa e Teoria Literária na Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP/Uerj), doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e bolsista do Polo de Pesquisa de Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro – Fundação Calouste Gulbenkian.

que só pensa em luxo e divertimento; a nova aristocracia burguesa dos barões; a relação entre o patriotismo e a decadência da nação. O que Herculano faz é transportar para uma época de decadência de uma sociedade medieval as críticas às mudanças que ocorriam no mundo na época, com as relações pessoais sendo substituídas pelo valor de troca e com os valores de cavalaria, nobreza, senhorio feudal e religião ganhando sua própria etiqueta de preço.

Essas críticas ao regime, todavia, não impediram a publicação do romance, tal como acontecia com obras garretianas. Apesar de o romance só ter sido publicado na íntegra e em volume pela primeira vez em 1844, alguns trechos já haviam sido publicados na *Revista Universal Lisbonense* (RUL) e no *Panorama*. Assim, entre setembro e outubro de 1842, é publicado na RUL o primeiro fragmento, “Juncto ao Chryssus”, que depois de modificado veio a ser o capítulo IX do romance. Entre novembro e dezembro do mesmo ano, publicaram-se trechos do capítulo “O Mosteiro”, mas com o nome de “O Martírio”. Em 1843, são publicados no *Panorama* trechos das meditações que aparecem no romance como fragmentos das elegias do presbítero.

Se o entendimento sobre as críticas à sociedade da época e sua política deveria ser inferido pelo leitor, haveria alguma reação à publicação do *Eurico*? Afinal, não se pode esquecer que, tal como as *Viagens da minha terra*, de Garrett, foi publicado num período de forte repressão política. O texto garrettiano teve sua publicação na RUL interrompida por motivos políticos (DAVID, 2007, p. 139), como indicam as advertências da redação do jornal, como o artigo sobre a “Lei da Imprensa”, do dia 7 de dezembro de 1843, comentando um dos “gracejos políticos do Sr. Garrett” no capítulo VI das *Viagens*. Além disso, como se observa na análise de paratextos de Herculano, havia críticas a seus textos por não serem totalmente fiéis ao período do entrecho¹. Se algo de pernicioso tivesse sido percebido, é possível que tivesse seus reflexos na imprensa, sobretudo nas páginas do *Panorama* ou da *RUL*, onde começou sua publicação.

Folheando as páginas da RUL, não se nota nenhuma reação clara à publicação dos capítulos do *Eurico* em 1842. O mesmo ocorre com o *Panorama*. Na primeira, há apenas elogios da parte de José da Silva Mendes Leal Junior, em 20 de abril de 1843; o anúncio da abertura da lista de assinaturas para a publicação da versão em volume, no dia 8 de agosto de 1844, (p. 311); e uma longa e curiosa “impressão de uma primeira leitura sempre rápida e impaciente” do romance por parte do redator, Antônio Feliciano de Castilho. Enquanto na segunda há apenas a comunicação da publicação em livro, no dia 28 de dezembro de 1844, quando acaba a segunda série do periódico, que só retorna em 1846.

Seguindo a ordem cronológica, há o artigo “sobre o romance (carta preliminar)”, no qual Mendes Leal agradece o pedido da redação da RUL para publicar em suas folhas. Nessa carta, ele ressalta o importante papel civilizacional do romance e o divide em dois gêneros, o romance histórico e o romance contemporâneo ou de atualidade. O primeiro,

[...] dizia que ahi vae medrando robusta e vistosamente á sombra da grande fama e do ingenho ainda maior d'aquelle nosso respeitavel e respeitado amigo

commun, appareceu já nas columnas da Revista rubricado pelo nune illustre do primeiro Romancista Portuguez. – A Batalha do Chrysus – foi n'este gênero a estrêa magnífica da Revista Universal (RUL, 1843, p. 386).

Como esse gênero já tinha sido explorado com tanta superioridade, Mendes Leal diz ter preferido o “virgem ainda, entre nós, Romance contemporâneo” (RUL, 1843, p. 386), em vez de tentar entrar “n'uma lucta, para mim tão desigual, tão desfavorável, tão acabrunhadora” (RUL, 1843, p. 386). Para ele, a cidade tem temas suficientes para o romance, sem ser preciso erguer o sudário do passado. Todavia, o mais interessante desse prólogo talvez seja a projeção social que ele espera para seu romance, que considera diferente daquela do romance que “re-construe desde os alicerces até à cúpula toda uma época, toda uma sociedade e todo um povo” (RUL, 1843, p. 387). Em seu romance, Mendes Leal não vai procurar a ação das altas classes sociais, pois é o povo que necessita de educação e ensino, e é para ele que sua narrativa é escrita. Esse pensamento é bem diferente do de Herculano, para quem as classes superiores, educadas, servem de exemplo ao povo. Se forem corrompidas, a população também se corromperá. Mendes Leal, que à ocasião apoiava o regime cabralista, defendendo-o no jornal *A Lei*², diz não haver sentido “missionar o escriptor” sobre os pecados das altas classes sociais, uma vez que elas não pecam por ignorância, mas por vontade.

Os dois anúncios que acompanham o lançamento da publicação em volume de *Eurico* são basicamente publicidade cercada de elogios. Na *RUL* (1844, p. 36), comenta-se que “esta obra excede a todas as outras do mesmo gênero que temos d'este fecundo escriptor”. Enquanto no *Panorama* (1844, p. 414), acham desnecessários os elogios ao autor cujos escritos “tem contribuído principalmente para o credito e voga do *Panorama* desde o seu começo”.

Mais interessante parece ser a leitura que Castilho faz do romance. Os elogios também são comuns nesse artigo. Afinal, havia uma sociedade de elogio mútuo, que funcionava assim não apenas para ajudar na publicidade das obras, mas também na reserva de mercado para certos intelectuais (SANTOS, 1988). Além disso, o redator da *RUL* era amigo pessoal de Herculano. Mesmo assim, alguns aspectos do texto de Castilho, de praticamente duas semanas após o lançamento, sobre uma leitura que ele diz assemelhar-se “a um quadro de Daguerre representando objectos moveis; alguma luz, muitas sombras, contornos enleados, imagem exactíssima em partes, mas no todo perturbada” (RUL, 1845, p. 311), são interessantes por mostrar a preocupação com a recepção moral que esse livro poderia ter na sociedade.

Mesmo elogiando o estudo histórico realizado por Herculano, não deixa de ressaltar que é “um episodio histórico-phantastico”, e que, nesse sentido, é que ele tem de interessar ao vulgo dos leitores. Assim, pode-se crer que o leitor comum verá apenas a parte ficcional, deixando de lado o aspecto social do romance, ou, ao menos, era o que Castilho parece esperar, temendo o efeito moral dessa leitura.

Ele analisa o romance com base no que Herculano propôs em seu prefácio, a questão do celibato do clero, que seria um problema social. Castilho indica

² “Para o clientelismo político, o teatro seria sobretudo um meio capaz de fornecer nomes populares, figuras em voga – assim aconteceria no caso de Mendes Leal que, muito jovem ainda, ganhara celebridade com as primeiras peças e se tornara rapidamente um autor em moda. O partido cartista (facção pró-cabralista) atraíra-o a si e, vendo nele uma das suas glórias (raras nas suas fileiras), ajudara-o a fundar o jornal *A Lei*” (SANTOS, 1988, p. 207).

que, assim, Herculano se junta a Lamartine, que tratou do mesmo tema em *Jocelyn*. Com uma diferença: o autor francês resolveu a questão com a própria religião, enquanto Herculano levou-a para o lado da sociedade. Antônio Feliciano de Castilho diz que o autor de *Eurico* viu o quase suicídio de seu personagem e mostrou o cadáver à sociedade como dizendo-lhe: “eis-ahi o bello fructo de uma instituição anti-natural e anti-social; foi a religião, como vós a praticades, quem o matou” (RUL, 1845, p. 312), ressaltando, assim, a crítica de Herculano à forma antiliberal do catolicismo em Portugal.

Esse aspecto de afronta à sociedade é o que mais preocupa Castilho em sua análise. Para ele, os padres podem não ter a necessidade do anjo terrestre, como Herculano chama a mulher em seu romance, mas, como no prólogo de *Eurico* informa-se que esse assunto será tratado exclusivamente pela questão do sentimento, ele fará o mesmo. Ele comenta que o celibato não é um dogma e que a Igreja pode derrubá-lo, mas que ninguém pode dizer que ela o fará. Por isso, lembra a proposta de Passos Manuel de acabar com o celibato dos clérigos e teme, tal como Herculano em *A voz do profeta*, a violência das turbas populares, que romperiam com as leis divinas para depois romper com as humanas:

Com a tendência demasiadamente desinvolvida hoje nas turbas para tudo quanto é demolir e derrocar; no seu phrenesí insaciavel de innovações, no entibiamiento geral de todos os vinculos de deveres começando pelos religiosos, estas theorias adversas ás praticas assentes em leis, e para cuja revogação não chega a soberania do povo, nenhum outro effeito podem producir que não seja a indisciplina, e – como o povo salta depressa e nem sempre com a melhor logica de consequencia em consequencia, – o escarneo e desprezo dos dogmas, o desacato, a soltura desenfreada, a perdição de todas as coisas humanas, depois da subversão das divinas (RUL, 1845, p. 312).

Por isso, Castilho sai em defesa de Herculano dizendo que este não pretendeu uma revolução religiosa, como “noventa e nove centessimos do povo o tomarão” (RUL, 1845, p. 313). Chega a sugerir que Herculano, nas edições posteriores, destrua esses inconvenientes e perigos, uma vez que ele não possui “uma tendencia anti-catholica”. Para isso, segundo Castilho, seria necessário um segundo prólogo ou a destruição do existente.

Quanto à composição, Castilho considera-a “severa e sombria” (RUL, 1845, p. 313), além de difícil, por *Eurico* ser ao mesmo tempo sacerdote, poeta e guerreiro. Por ser obra complexa e por Herculano ser “uma auctoridade, uma recomendação, uma seducção quase irresistivel” (RUL, 1845, p. 314), Castilho teme que tentem copiá-lo, o que não seria possível. Se surgissem a cada ano duas ou três obras como *Eurico*, seria necessário “coroal-as e desterral-as” (RUL, 1845, p. 313). Tal é a admiração pelo romance e o medo que Castilho tem dele.

Apesar de ter sido acusado por Antero de Quental (1865, p. 10) de ser dos “corrilhos do elogio mútuo”, o que é verdade em muitos casos, Castilho teme a repercussão da obra de Herculano, o impacto que ela pode causar no povo e nos autores mais novos, chegando ao absurdo de sugerir modificações. Talvez, tal como indica Julio de Castilho (1930), essa crítica seja realmente a causa do rompimento entre A. F. de Castilho e Herculano.

Se a crítica feita ao romance *Eurico, o presbitero* nas páginas da *RUL* e do *Panorama* foi escassa, basicamente alguns elogios do defensor do cabralismo, Mendes Leal, e do amigo de Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, outros

comentários contemporâneos podem ser encontrados em outros periódicos importantes da época. Trata-se de dois textos: um artigo sobre o lançamento próximo do livro, baseado no que havia sido publicado nas páginas dos dois periódicos já citados, que saiu no *Diário do Governo*, em 27 de julho de 1844, órgão de difusão de notícias do governo; e uma crítica feita por António Pedro Lopes de Mendonça no jornal *A Revolução de Setembro* e posteriormente colidida no livro *Ensaio de crítica e litteratura* (1849) e revista e ampliada em *Memorias de litteratura contemporanea* (1855).

A ideia que perpassa a recepção do redator do *Diário do Governo*³ é oposta à de Castilho. Em vez de temer a crítica à Igreja, o *Diário* vê nos fragmentos publicados e na proposta de Herculano de utilizar o clero como tema de sua série de crônicas, o *Monasticon*, uma valorização do papel dessa instituição na história portuguesa. O redator do jornal vê em *Eurico, o presbítero* o realçar da influência da instituição monástica para o sucesso “das luctas das gerações que passaram, em tantas épocas gloriosas, sobre a terra de Portugal” (DIÁRIO DO GOVERNO, 1844, p. 882). Para ele, esse romance desenha as “collossaes proporções da luta entre duas religiões oppostas e contrarias”, abstraindo toda a crítica à corrupção moral da sociedade e à tirania presentes no texto de Herculano. Apesar dessa visão parcial, é interessante observar a ligação que é feita entre o passado e o presente:

A invasão dos Arabes, a batalha do Gualdalete, e as primeiras palmas arrancadas em Covadonga pela espada dos Godos do sceptro dos Mouros conquistadores, são descriptas nas eloquentes paginas do Romance, de modo que as paixões, as pelejas, e as scenas nos levam a ponto de se esquecer a ficção, de se tomar o espectáculo de épochas tão remotas, por uma realidade que anceia, que estremece o peito, e se acredita como se passasse hoje diante dos nossos olhos (DIÁRIO DO GOVERNO, 1844, p. 882, grifo nosso).

Em vez de imaginar uma ficção sobre um passado remoto, é possível, segundo o texto publicado no *Diário do Governo*, acreditar que se passa no século XIX. No entanto, Carlos Bento da Silva e António Feliciano de Castilho viram realidades diferentes em *Eurico*. Enquanto este entende que há uma crítica a um dogma, quase o incitamento a uma revolução religiosa, aquele vê a valorização da instituição monástica. O tema dos mosteiros, das ordens religiosas, de sua existência e influência em Portugal estava na ordem do dia. Seja qual for o posicionamento de Herculano quanto a isso, *Eurico, o presbítero* parece, ao menos segundo essas duas opiniões, reacender essa discussão, muito mais do que a proposta de uma nova sociedade ou do que a luta contra a opressão e do que a acusação de traição.

Já António Pedro Lopes de Mendonça (1849), mais interessado nas transformações sociais, vê algo mais em *Eurico*. Mendonça (1849, p. 41) menospreza *Jocelyn* de Lamartine por não traduzir todas as condições do problema, enquanto “*Eurico* é um tipo completo”: “*Eurico* é um protesto lavrado com o sangue das veas, com as lagrimas do coração, com as agonias da dor; *ladainha* primitiva, em que o genio do mal faz côro com as orações dirigidas ao supremo auctor de todo o bem” (MENDONÇA, 1849, p. 41, grifo do autor).

³ Entre 1843 e 1844, a redação do *Diário do Governo* estava a cargo de Carlos Bento da Silva, que Teófilo Braga (s. d., p. X-XI), num prólogo ao *Arco de Sant’Ana*, classifica como “um empregado da secretaria acirradamente cabralista, e que foi o financeiro do regime, era então redactor do *Diário do Govern*o, e fez troça encomendada ao romance “palpitante de actualidade””, referindo-se ao *Arco*.

Mendonça (1855) não faz uma análise apenas de *Eurico*, mas comenta a obra de Herculano como um todo. O que esse autor admira em Herculano é sua visão sobre as transformações políticas, daí o interesse pela obra. Mendonça (1855, p. 109) comenta que os movimentos de 1836 a 1838 não mereciam os ataques de *A voz do profeta* (HERCULANO, [18--]b), mas que ele, “alucinado pelos esplendores da sua imaginação, via, após alguns tumultos, erguer-se a imagem sinistra dos cadafalsos da revolução francesa”, que as revoluções em Portugal nunca tentaram reproduzir. Apesar dessa crítica, Mendonça (1855, p. 107) elogia a concepção de *Eurico* e das *Lendas e narrativas* (HERCULANO, [18--]d), mas glorifica mesmo a criação da *História de Portugal* (HERCULANO, [18--]c), que deve “competir em resultados com os *Lusíadas*” (p. 107).

Apesar da falta de explicitação quanto à sua relação com o período em que foi escrito, tal como Garrett (s. d.) faz no seu *Arco de Sant’Ana*, a problemática social está lá, como a crítica à traição à pátria, ao poderio político de certos membros do clero, à divisão da sociedade, à guerra civil, à perseguição política e ao governo ditatorial e centralizador, além de uma crítica ao liberalismo (para que se reformasse). Vitorino Nemésio (s. d., p. xxi) aponta as inter-relações entre o tempo em que transcorre o *Eurico* e o presente em que Herculano está imerso quando publica o livro:

Ora, o romance de Herculano abre precisamente por uma meditação sobre a decadência dos visigodos, comparada à de Roma. “O amor da pátria”, desperto na Espanha “despedaçada pelos bandos civis”, como que nos faz passar da atmosfera do século VIII à contemporaneidade imediata e próxima de Herculano, que sente na sua “voz do profeta” e na sua “harpa do crente” a alma do “último poeta godo”. Não haverá uns longes da morte de D. João VI na de Vítiza? da aclamação de D. Miguel na “entronização violenta de Rodrigo”? a guerra civil nas “conspirações que ameaçavam rebentar por toda a parte e que a muito custo o novo monarca (Rodrigo – D. Miguel) ia afogando em sangue”?

Destarte, *Eurico* é um modelo de sucesso. Os chamados anacronismos com que os leitores de sua época criticavam o romance histórico de Garrett, relacionando o trecho medieval ao Oitocentos, estão presentes no livro de Herculano, mas de forma implícita. A fachada de narrativa histórica sem relação explícita com a contemporaneidade e o respeito à figura de historiador e ficcionista histórico sério que, durante o primeiro governo de Costa Cabral, manteve-se alheio às discussões políticas na imprensa, além da aura antissetembrista que ele possuía depois de ter escrito *A voz do profeta*, contribuíram para que *Eurico*, o *Presbítero* passasse incólume em face da ditadura cabralista. Apesar de romance histórico, alguma relação com a sociedade portuguesa do século XIX foi comprovadamente estabelecida à época de sua publicação, como se ressaltou na recepção aqui analisada, o que indica que mais pode ter sido percebido e talvez tenha ficado submerso em razão dos temores da repressão cabralista.

REFERÊNCIAS

BRAGA, T. Elaboração do *Arco de Sant’Ana*. In: GARRETT, A. *O Arco de Sant’Ana: crónica portuense* – Manuscrito achado no convento dos Grilos no Pôrto por um soldado do Corpo Académico. Porto: Léló & Irmão, [s. d.].

CASTILHO, J. de. *Memórias de Castilho* 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930. t. IV.

DAVID, S. N. “Ao Conservatório Real” e *Frei Luís de Sousa* no conjunto da obra madura de Garrett (1843-1854). In: NEVES, L. M. et al. (Org.). *Literatura, história e política em Portugal (1820-1856)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

DIÁRIO DO Governo, Lisboa, n. 173, 24 jul. 1844.

GARRETT, A. *O Arco de Sant’Ana: crónica portuense* – Manuscrito achado no convento dos Grilos no Pôrto por um soldado do Corpo Académico. Porto: Lêlo & Irmão, [s. d.].

_____. *Viagens na minha terra*. Edição de Ofélia Paiva Monteiro. Lisboa: INCM, 2010.

HERCULANO, A. *Eurico, o presbítero*. 41. ed. Amadora: Bertrand, [18--?]a.

_____. *A voz do profeta, precedida de uma introdução*. In: _____. *Opúsculos I*. 7. ed. Amadora: Bertrand, [18--?]b.

_____. *História de Portugal: desde o começo da monarquia até o fim do Reinado de Afonso III*. 8 Tomos. 9. ed. Amadora: Bertrand, [18--?]c.

_____. *Lendas e narrativas*. 28. ed. Amadora: Bertrand, [18--?]d. 2v.

MENDONÇA, A. P. L. de. *Ensaios de critica e litteratura*. Lisboa: Typ. da Revolução de Setembro, 1849.

_____. *Memorias de litteratura contemporanea*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1855.

NEMÉSIO, V. *Eurico: história de um livro*. In: HERCULANO, A. *Eurico, o presbítero*. 41. ed. Amadora: Bertrand, [s. d.].

O Panorama: Semanário Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, v. 3, série 1. Lisboa: Typografia da Sociedade, 1839.

_____. v. 4, série 1. Lisboa: Typ. da Sociedade, 1840.

_____. v. 2, série 2. Lisboa: Typ. da Sociedade, 1843.

_____. v. 3, série 2. Lisboa: Typ. da Sociedade, 1844.

QUENTAL, A. *Bom-senso e bom-gosto: carta ao excellentissimo senhor Antonio Feliciano de Castilho*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE (RUL): jornal dos interesses physicos, moraes e litterarios por uma sociedade estudiosa, v. 2, série 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1842.

_____. v. 2, série 3. Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

_____. v. 4, série 1^a. Lisboa: Imprensa da Gazeta dos Tribunaes, 1844.

_____. Lisboa: Imprensa da Gazeta dos Tribunaes, 1844-1845. Tomo IV.

SANTOS, M. de L. C. L. dos. *Intelectuais portugueses na primeira metade de Oitocentos*. Lisboa: Presença, 1988.

CRUZ, E. da. The reception of *Eurico, o presbítero* in the liberalism period. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 17-23, 2010.

Abstract: *This article examines the critical reception of Alexandre Herculano’s Eurico, o presbítero, during the liberalism, in search of evidence of the perception by the public of the socio-political criticism in that work.*

Keywords: *reception; Portuguese liberalism; historical novel.*